



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TOM LUCAS VIANA REIS

**O TRABALHO VOLUNTÁRIO ESPÍRITA E A TEORIA DA DÁDIVA: UMA
ETNOGRAFIA NO CENTRO ESPÍRITA IRMÃ CÁRITAS**

Macapá/AP

2017

TOM LUCAS VIANA REIS

**O TRABALHO VOLUNTÁRIO ESPÍRITA E A TEORIA DA DÁDIVA: UMA
ETNOGRAFIA NO CENTRO ESPÍRITA IRMÃ CÁRITAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – Colegiado de Ciências Sociais – da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura Plena em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Luciano Magnus de Araújo.

Macapá/AP

2017

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada com um grupo de quinze trabalhadores voluntários do Centro Espírita Irmã Cáritas (CEIC), bairro Julião Ramos (Laguinho) – Macapá, iniciada no mês de Abril e finalizada em Agosto de 2017. Optei por uma abordagem qualitativa, com base na observação participante, entrevistas individuais semiestruturadas e registros fotográficos. Concomitante à coleta dos dados em campo, procurei refleti-los à luz da Teoria da Dádiva, exposta no clássico “Ensaio sobre a Dádiva” de Marcel Mauss (1924), interpretada e desenvolvida posteriormente por teóricos afiliados ao M.A.U.S.S. (Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais), como Caillé (2002) e Godbout (1998). O objetivo deste artigo é compreender como se estabelecem as relações entre voluntários espíritas e as famílias que recebem seus serviços. O problema norteador é: quais condições determinam a permanência dos serviços voluntários realizados em prol das famílias em situação de vulnerabilidade social advindas do bairro Perpétuo Socorro? Minha hipótese é que os serviços ofertados são conduzidos por uma responsabilidade social e religiosa que, por sua vez, possibilita a construção de um vínculo que se mantém e reforça através de trocas, materiais e simbólicas, entre voluntários e famílias atendidas.

Palavras-chave: Trabalho voluntário espírita; caridade; Teoria da Dádiva.

ABSTRACT

This article is a result of an ethnographical research made with a group of fifteen volunteer workers from the Centro Espírita Irmã Cáritas (CEIC), located on Julião Ramos (Laguinho), Macapá, during April and August 2017. I chose a qualitative approach, based on participative observation, individual interviews and photography registration. Besides the data collection on field, my analysis goes through the Gift Theory from the classic book “The Gift”, from Marcel Mauss (1924), later interpreted and developed by theoretical followers of the M.A.U.S.S (Anti-utilitarian Movement in the Social Sciences), such as Caillé (2002) and Godbout (1998). The main objective of this article is to understand how the relations between spiritist volunteers and families are made. The question that problematizes this work is: which conditions influences the long-lasting volunteer services towards the socially vulnerable families on the Perpétuo Socorro neighbor? My hypothesis is that the offered services are conducted by a social and religious responsibility which develops a vivid and strong bond network, lasting by its material and symbolical exchanges between volunteers and served families.

Key-words: Spiritist volunteer work; charity; The Gift Theory.

À VIDA

AGRADECIMENTOS

Como cheguei até aqui? Respiro fundo e agradeço...

Obrigado por ser tão paciente comigo, mãe!

Obrigado, pai. Por tudo.

Ao amigo e professor Luciano. Ser humano que persiste na Caminhada... Obrigado por toda a confiança!

Aos tios e tias do Cáritas! Obrigado pela acolhida.

Aos meus amigos e irmãos, Caio e Ian.

Agradeço, do fundo do coração, aos amigos:

Seu José, Miquéias, Alex, Marlon, Maycon, Natália, Suellen, Thais, Bê, Welliton...

Obrigado pela companhia ao longo desses anos.

Miquéias e Alex, obrigado pela revisão teórica aos quarenta e oito do segundo tempo!

Aos colegas do curso... Mayara, Martel, Cleiton... Ao pessoal da 2013... Danilo, Gabi, Luana Darby, Luana Guedes, Charles, Erbeson, Marcus, Ada, Luís Félix, Karen... E a galera das antigas... Ivandro Gomes, Paulo Brito, Dayceane, Thayná, Vagno.

Tantas conversas pelos corredores...

Aos professores do Colegiado de Ciências Sociais, responsáveis por parte da minha formação acadêmica.

Agradeço, especialmente, aos professores Manoel Pinto, Davi Silva, Gláucia Tinoco, Adriana Tenório, Zé Maria, Manoel Ricardo, Rosinaldo Silva, Raimundo Brito e Emanuel Lima.

Professor Marcos Vinícius e Professora Socorro Oliveira... Muito obrigado pelo apoio, incentivo e por todas as contribuições!

Obrigado pela presença, carinho e por toda a força, Alethea... Nunca esqueça: Segue o som!

Caraca... É tanta gente envolvida no MOVIMENTO da VIDA!

Foi assim que cheguei até aqui!

Nenhum homem é uma ilha!

Hoje sei disso.

E isso é tudo

INTRODUÇÃO

As formas e os contornos do voluntariado variam de acordo com as culturas, mas fundamentalmente, os valores que o norteiam são universais, como justiça social, solidariedade e reciprocidade. Genericamente, o conceito de voluntariado se refere ao forte desejo em contribuir para a coletividade por iniciativa própria do indivíduo, grupo ou instituição sem esperar remunerações materiais, tendo por base o sentimento de solidariedade¹.

A ação espontânea a serviço da coletividade está profundamente enraizada nas tradições comunitárias e nas crenças religiosas das sociedades. A maioria das religiões estimula o serviço e a caridade para com os outros, enquanto meios para a construção de uma sociedade mais fraterna e igualitária. Neste sentido, existe uma profunda conexão entre religiosidade, trabalho voluntário e responsabilidade social.

A este respeito, é válido afirmar que as religiões de matriz cristã são fontes importantes de valores humanitários para a cultura ocidental (WILSON; JANOSKI, 1999). Entre elas, destacamos o espiritismo, doutrina de caráter científico, religioso e filosófico. Orientados pela máxima “Fora da caridade não há salvação”, muitos espíritas buscam exercer sua fé através do trabalho voluntário em um Centro Espírita.

Diante deste contexto, o objetivo deste artigo é compreender como se estabelecem as relações entre voluntários espíritas e as famílias atendidas. O problema norteador desta pesquisa é: quais condições determinam a permanência dos serviços voluntários realizados em prol das famílias em situação de vulnerabilidade social advindas do bairro Perpétuo Socorro? Minha hipótese central é que os serviços ofertados são conduzidos por uma responsabilidade social e religiosa que, por sua vez, possibilita a construção de um vínculo que se mantém e reforça através de trocas, materiais e simbólicas, entre voluntários e famílias atendidas.

Este artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada entre quinze trabalhadores voluntários do Centro Espírita Irmã Cáritas, localizado na Av. Nações Unidas, nº391 – Bairro Julião Ramos (Laguinho), durante o período de Abril a Agosto de 2017. Optei por uma abordagem qualitativa, com base na observação participante, entrevistas individuais semi-estruturadas e registros fotográficos. Concomitante à coleta dos dados em campo, procurei refleti-los à luz da Teoria da Dádiva, exposta no clássico “*Ensaio sobre a Dádiva*” de Marcel Mauss (1924), interpretada e desenvolvida posteriormente por teóricos afiliados ao

¹ Relatório do Estado do Voluntariado no Mundo (ONU, 2011).

M.A.U.S.S. (Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais), como Caillé (2002) e Godbout (1998).

O presente artigo está estruturado em cinco partes. Na primeira sessão, nos dedicamos à exposição do referencial teórico, recorrendo a uma revisão bibliográfica dos autores vinculados à Teoria da Dádiva. É a partir desta perspectiva que buscamos compreender o trabalho voluntário na contemporaneidade. Na segunda parte, lançamos um olhar macrosociológico para este fenômeno e destacamos a relação entre trabalho voluntário e religiosidade, conduzindo nossa análise para o trabalho voluntário espírita.

Na terceira parte, apresentamos o surgimento do espiritismo, sua chegada ao Brasil e sua dimensão socioassistencial. Na sequência, apresentamos a partir da ótica espírita os fundamentos para a prática da caridade que estão presentes na Parábola do Bom Samaritano. Em seguida, apresentamos os resultados da pesquisa de campo em três tópicos; iniciando pelo contato com o Centro, depois descrevendo as atividades do Trabalho de Evangelização e por último, resgatando um sucinto histórico do Centro. Por fim, nas considerações finais, reconstituímos a discussão principal e apontamos algumas observações a partir da experiência etnográfica.

PERCURSOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de descrever os procedimentos metodológicos para a realização desta pesquisa, é importante contextualizar a construção do objeto de estudo em questão. Em 2015, fui o responsável técnico pelo setor Cursos de Valorização Social (CVS) do Serviço Social do Comércio – SESC. As atividades desenvolvidas por este setor consistiam na realização de cursos de manualidades (artesanato, corte e costura, pintura em camisas etc.) destinados à qualificação de famílias em situação de vulnerabilidade social por meio do desenvolvimento de habilidades de nível básico, com o objetivo de melhorar a renda familiar e proporcionar a inclusão social.

Os cursos eram realizados em parceria com instituições de caráter socioassistencial, ministrados por instrutoras contratadas e organizados sob minha coordenação. Uma dessas instituições, a Casa Chico Xavier – instituição de assistencial social espírita – se diferenciava das demais no tocante a realização dos cursos, porque possuía suas próprias instrutoras, que por sua vez, eram voluntárias.

Mesmo não sendo adepto da doutrina espírita, esta experiência profissional me fez refletir sobre as relações entre voluntariado, espiritismo, reciprocidade, assistência e responsabilidade social. Ao longo desses dois anos, busquei articular essas e outras categorias a fim de construir um quadro analítico capaz de tornar compreensível, sob uma perspectiva, essa temática até então pouco explorada dentro das Ciências Sociais. A partir deste período, iniciei minhas leituras, pesquisas e reflexões a respeito do trabalho voluntário espírita e a Teoria da Dádiva. No ano de 2017, conheci os voluntários da instituição Centro Espírita Irmã Cáritas, que me permitiram conhecer mais do seu trabalho de assistência social com as famílias do bairro Perpétuo Socorro.

Neste sentido, a etnografia foi realizada com quinze voluntários espíritas no Centro Espírita Irmã Cáritas no período de 10 de Abril à 10 de Agosto. Os dados de campo foram coletados a partir da observação participante, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos. Ao todo, foram realizadas quinze visitas e seis entrevistas. O critério de seleção dos entrevistados foi a disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa.

Na quinta sessão deste artigo, destinado à apresentação dos resultados de campo, optei por conduzir a análise e reflexão dos dados a partir da síntese de algumas experiências de campo. A partir da minha perspectiva, busquei compreender o funcionamento das atividades de assistência social da instituição e as relações entre voluntários espíritas e as famílias atendidas. Para tanto, estabeleci a seguinte ordem de apresentação: 1) Conhecendo o campo; 2) Imersão; 3) Público atendido; 4) O Trabalho Voluntário no Cáritas; 5) A Cozinha e os Lanches e 6) A história de vida de João.

1. O “ENSAIO SOBRE A DÁDIVA” E O MOVIMENTO ANTIUTILITARISTA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS (M.A.U.S.S)

Marcel Mauss (1872 – 1950) foi um sociólogo e antropólogo, considerado um grande nome das Ciências Sociais na França. O texto que nos servirá de base teórica é o célebre *“Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”* (1923-24). Considerado entre os antropólogos como seu estudo de maior relevância, Mauss defende a tese de que a constituição da vida social é um constante “dar”, “receber” e “retribuir”.

Segundo Mauss (2003 [1924]) em grande parte das sociedades, as trocas e os contratos que são realizados sob a forma de presentes, embora aparentemente voluntários, são dados e

retribuídos obrigatoriamente. Estes fatos são complexos, pois tudo neles se “mistura”, isto é, toda a vida social se manifesta através deles. Neste sentido, esses fenômenos sociais são chamados de “totais”, pois expressam as diversas instituições da sociedade, como os sistemas religiosos, jurídicos, morais, políticos, econômicos, estéticos, etc.

O objetivo do “*Ensaio*” é considerar apenas um aspecto deste complexo sistema social, que ele diz ser “o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações” (MAUSS, 2003, p.188). Isto implica dizer que apesar dessas relações se apresentarem como trocas de presentes generosos, no fundo se tratam de obrigações sociais.

Segundo Mauss, ao investigar este problema, é possível compreender a natureza das transações econômicas e contratuais que se estabelecem nessas sociedades mesmo sem a existência do mercado e da moeda da forma como o conhecemos. Apesar disto, Mauss afirma que essa moral que regula a economia dessas sociedades está presente de forma constante e subjacente nas sociedades ocidentais modernas, por isso, se apresenta como uma das “rochas humanas sobre as quais são construídas nossas sociedades” (MAUSS, 2003, p.189).

Mauss elabora sua análise a partir da comparação de uma ampla quantidade de estudos etnográficos realizados entre diversos grupos localizados na Polinésia, na Melanésia e no noroeste americano, além do estudo de grandes sistemas de direito antigo. De acordo com estas pesquisas e, contrapondo aquelas que afirmavam a existência de uma “economia de mercado natural”, Mauss (2003, p.190-1) considera que:

Nas economias e nos direitos que precederam os nossos, nunca se constata, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas e de produtos num mercado estabelecido entre os indivíduos. Em primeiro lugar, não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam. Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente. Enfim, essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública. Propusemos chamar tudo isso o *sistema de prestações totais*.

Este excerto nos direciona ao centro da teoria sociológica maussiana – o sistema de prestações totais. O sistema econômico-jurídico presente nas sociedades tradicionais está para além das trocas de bens materiais, baseadas em negociações individuais. Em outras palavras,

são os grupos que trocam e negociam, sobretudo, bens simbólicos em todas as dimensões da vida social. Além deste aspecto, se aparentemente as relações de trocas são espontâneas, na verdade são invariavelmente obrigatórias.

Outro aspecto importante enfatizado por Mauss diz respeito ao percurso e ao mecanismo de troca dos bens materiais e simbólicos. Os *taonga* são propriedades, isto é, tudo aquilo que pode ser trocado e/ou usado como objeto de compensação. São tesouros, esteiras, brasões e às vezes até tradições, cultos e rituais mágicos. Segundo a teoria do direito e a religião maori, os *taonga* são “fortemente ligados à pessoa, ao clã, ao solo; são o veículo de seu *mana*, de sua força mágica, religiosa e espiritual” (MAUSS, 2003, p.197). Somados a autoridade que é a própria riqueza do *mana*, todas as coisas circulantes possuem um espírito, chamado de *hau*. E é justamente nesta alma/poder das coisas inanimadas que está a “chave” para o enigma das prestações totais.

Nesta perspectiva moral e jurídica maori, a intervenção de uma terceira pessoa é fundamental para a obrigatoriedade da retribuição no sistema de dádivas. O *taonga* recebido é dado para um terceiro e este, por sua vez, retribui com outro *taonga*. Este novo *taonga* recebido deve, obrigatoriamente, ser devolvido para o doador inicial, sob a força do *hau* que animava o seu *taonga*. A obrigatoriedade das trocas implica dizer que o *taonga* não é inerte, mas, pelo contrário, veicula e conserva algo de seu doador.

O *hau* é um poder espiritual fortemente ligado ao doador inicial e ao território de onde veio. Seu caráter nativo lhe impulsiona para um retorno necessário ao seu local de origem. O *hau* se prende aos usuários do *taonga* inicial – sob pena de lhes causar algum mal – até que estes retribuam de forma equivalente ou superior com seus próprios *taonga*. Assim procedendo, estes doadores possuirão autoridade e poder sobre o primeiro doador – transformando-o, portanto, em último donatário.

Em síntese, esta é a lógica geral da circulação obrigatória das riquezas, tributos e dádivas. O vínculo jurídico que se estabelece entre as coletividades a partir da transferência de bens, é, sobretudo, um vínculo de almas, pois todas as coisas possuem uma alma. Em outras palavras, dar algo a alguém é dar algo de si, portanto, receber algo de alguém é aceitar esta essência espiritual, que obrigatoriamente deve ser retribuída. A conservação desta força seria perigosa, não apenas porque vem da pessoa, mas, sobretudo porque o *hau* tem um poder mágico e religioso sobre todos.

Além da obrigação de retribuir os presentes recebidos, há também outros dois momentos complementares e igualmente relevantes, que são: a obrigação de dar e a obrigação de receber. Os clãs, famílias e grupos não são livres para dispensar uma hospitalidade, rejeitar

presentes, não negociar ou deixar de construir alianças. Recusar dar ou receber corresponde a uma declaração de guerra, pois significa negar a comunhão. A obrigação de dar, por sua vez, é resultante da força do direito de propriedade que o donatário tem sobre tudo aquilo que pertence ao doador, que se traduz como um vínculo de natureza espiritual.

Em suas conclusões, Mauss esclarece que a obrigatoriedade de dar, receber e retribuir e, por conseguinte, a construção de vínculos, contratos e alianças, constituem os fundamentos de uma série de costumes que, mesmo em face da modernidade e do capitalismo industrial, ainda são vivenciados por muitos indivíduos, grupos e classes das sociedades ocidentais modernas. Estas formulações originais a respeito da vida social expostas no *“Ensaio sobre a dádiva”* de Marcel Mauss podem ser consideradas os pilares da Teoria da Dádiva, que, por sua importância para a teoria sociológica, vem sendo alvo de acirrados debates e olhares críticos desde sua publicação.

Segundo Pereira (2004), Claude Lévi-Strauss teceu duras críticas à Mauss, pelo fato de que este recorreu ao discurso nativo para explicar o mecanismo de funcionamento da dádiva, deixando-se, portanto, “mistificar pelo nativo”. Raymond Firth também rejeitou a análise religiosa de Mauss, afirmando que o dom é fundamentalmente econômico. Marshall Sahlins, por sua vez, comparou as traduções francesa e inglesa do excerto maori e revelou que algumas passagens essenciais para o entedimento do discurso nativo foram suprimidas. Neste sentido, muitos autores elaboraram explicações para o enigma do dom, tendo por base conceitos econômicos, filosóficos, políticos, psicanalíticos, etc. Apesar das diferentes interpretações da dádiva, todas elas estão marcadas pelo “reconhecimento da importância da dádiva como forma de constituir e consolidar vínculos sociais. O ‘valor da dádiva’ repousa no fato de garantir e instituir relações sociais” (PEREIRA, 2004, p.88-89).

Estas críticas, no entanto, não objetivaram negá-la, e por isto, abriram possibilidades para a sua interpretação e desenvolvimento. O resgate dos pressupostos maussianos, a fim de constituir um novo paradigma teórico nas Ciências Sociais, se iniciou na Europa, no início da década de 1980, com o Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais (M.A.U.S.S.)², movimento cultural e intelectual de renovação dentro das Ciências Sociais, sobretudo na França após o “Maio de 68”.

Caillé (2002), um dos precursores e expoentes deste movimento, a fim de conceituar sociologicamente a dádiva entre os modernos, afirma que ela significa “qualquer prestação de bens ou serviços efetuada sem garantia de retorno, tendo em vista a criação, manutenção ou

² Mouvement Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales (M.A.U.S.S.), do original em francês, apontando uma homenagem à Marcel Mauss, considerado precursor da crítica ao utilitarismo e racionalismo econômico.

regeneração do vínculo social. Na relação de dádiva, o vínculo é mais importante que o bem”. (p. 192). Já para Godbout (1998, p.6), podemos encontrar as relações de dádiva na contemporaneidade nas seguintes situações:

Basta pensar no que circula entre amigos, entre vizinhos, entre parentes, sob a forma de presentes, de hospitalidade e de serviços. Na sociedade moderna, a dádiva circula também entre desconhecidos: doações de sangue, de órgãos, filantropia, doações humanitárias, benevolência etc.

Portanto, é a partir deste referencial teórico que buscamos compreender o trabalho voluntário espírita, pois acreditamos que este é um fenômeno social que se insere no interior das relações de dádiva na contemporaneidade. Na sessão seguinte, nos dedicaremos à exposição da dimensão histórica, cultural e social do fenômeno do voluntariado.

2. O TRABALHO VOLUNTÁRIO

O voluntariado tem sua origem nas antigas tradições de partilhas e trocas mútuas e é, portanto, uma das expressões mais básicas do comportamento humano em sociedade. Presente em diversas culturas, o trabalho voluntário é expresso por termos que configuram ações em que indivíduos ou grupos aplicam suas energias, talentos, conhecimentos e outros recursos para o benefício e bem estar comum³.

Nos Estados Unidos, o voluntariado remonta a própria fundação da sociedade norte-americana. Os colonos se uniram contra as intempéries advindas do Novo Mundo. Trabalharam juntos na agricultura, na construção de casas, na educação religiosa de crianças e no enfrentamento à pobreza (ELLIS; CAMPBELL, 2012). Já na Noruega, o “*dugnad*” é um sistema cooperativo aplicável às famílias, vizinhanças, comunidades, associações etc. Neste sistema, todos os cidadãos contribuem, voluntariamente, com a doação de tempo e trabalho às tarefas determinadas em comum acordo. Os membros de uma comunidade se reúnem, por exemplo, para a limpeza das ruas ou na reconstrução de uma via pública (HAUGESTAD, 2004).

Em diversas regiões do continente africano, o voluntariado é praticado horizontalmente, concentrando-se nos casos de prevenção e cuidado ao HIV/AIDS e na

³ Relatório do Estado do Voluntariado no Mundo (ONU, 2011).

consolidação dos direitos das mulheres. Geralmente informal, encontra suas bases nos valores da filosofia “*ubuntu*”, que significa o cuidado com o outro e com o meio ambiente⁴.

Em novembro de 1997, a Assembleia Geral das Nações Unidas elegeu 2001 como o Ano Internacional do Voluntário, reconhecendo a importância do voluntariado para o desenvolvimento social dos países. A partir de 2001, a ONU reconheceu as melhores ações voluntárias de indivíduos, pequenos grupos, ONGs, etc., através de estudos, pesquisas e prêmios. Além disso, disponibilizou sistemas de formação, qualificação e promoção para o trabalho voluntário, mediante parcerias civis, públicas e privadas. Em seu mais recente relatório, a ONU aponta que considerando todas as suas formas de expressão, mais de um bilhão de pessoas são voluntárias em todo o mundo⁵.

No contexto brasileiro, o voluntariado esteve presente desde os primeiros anos de colonização. As primeiras ações assistenciais humanitárias registradas surgiram com a fundação do hospital Santa Casa de Misericórdia, na vila de Santos, em 1543 (IVAMOTO, 1998). Contemporaneamente, o voluntariado é multifacetado e se apresenta a partir de diversas formas no interior da sociedade brasileira⁶. Serviços formais através de organizações não governamentais, solidariedade comunitária, grupos ou projetos de ajuda mútua, ajuda a distância e/ou via internet, voluntariado corporativo, atividades presenciais e pontuais, etc. No entanto, apesar dessas múltiplas expressões, percebemos que a relação histórica entre o serviço voluntário e a religiosidade permanece estreita. A este respeito, o Relatório do Estado do Voluntariado no Mundo da ONU (2011, p.27) nos traz a seguinte informação:

Para a maioria das religiões, o trabalho comunitário é um atributo de suas congregações, seja na ajuda em atividades relacionadas à adoração ou encorajando os membros a utilizarem seu conhecimento para beneficiar uma comunidade maior.

Por consequência, este excerto sugere uma análise antropológica mais atenciosa a respeito do trabalho voluntário orientado por valores religiosos. Com efeito, esta sentença nos conduziu à tarefa de compreender os serviços socioassistenciais realizados por um grupo de voluntários espíritas em prol de famílias em situação de vulnerabilidade social. Para tanto, primeiramente, vejamos o caminho que o espiritismo percorreu até sua chegada ao Brasil, e como este veio a se tornar uma referência no campo da assistência social.

⁴ State of the World's Volunteerism Report (ONU, 2015).

⁵ Ibid.

⁶ Em 2014, veio a público uma pesquisa do Instituto Datafolha sobre a opinião do brasileiro a respeito do trabalho voluntário. O principal motivo que leva os brasileiros a se tornarem voluntários é a solidariedade, isto é, o desejo de ajudar as pessoas.

3. O ESPIRITISMO E A ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA

O espiritismo, doutrina que articula ciência, filosofia e religião, surge com a publicação de “*O Livro dos Espíritos*” em 1857 na França. Esta obra apresenta um diálogo entre os “Espíritos Superiores” e as perguntas e comentários feitos por Allan Kardec – pseudônimo de Denizard Rivail (1804-1869), renomado pedagogo francês adepto do racionalismo científico (GIUMBELLI, 1998).

O espiritismo chegou ao Brasil em 1860, na Bahia, entre a elite e os círculos intelectuais. Mesmo sendo alvo de ataques do clero e da imprensa conservadora, as ideias espíritas ganharam cada vez maior visibilidade por todo o país. O espiritismo passou a ter maior destaque no Rio de Janeiro durante o período do debate republicano, justamente por sua afinidade com algumas causas do liberalismo e do republicano, como a defesa da liberdade/igualdade e a abolição da escravidão. Além disso, as reuniões espíritas e a prática da homeopatia ganhavam as ruas e se infiltravam entre as camadas populares, para além do âmbito político e intelectual. Em 1875, a edição e tradução para o português das obras da Codificação possibilitaram uma maior divulgação da doutrina em território nacional (FERNANDES, 2008).

Ainda de acordo com Fernandes (2008), neste contexto de expansão, existia a necessidade de reunir os adeptos brasileiros que até então estavam dispersos e desorganizados, o que culminou na fundação da Federação Espírita Brasileira – FEB, em janeiro de 1883. Porém, as dificuldades para tal agregação advinha das divergências dentro do próprio meio espírita entre os “religiosos” e os “cientificistas”. Em 1895, Dr. Bezerra de Menezes assume a presidência da FEB. A fim de acabar com as dissensões internas entre os adeptos espíritas, considerou a importância do respeito, estudo e prática de todos os aspectos da doutrina, “mas que a religião deveria ser o elo mais forte na cadeia dos princípios espíritas” (FERNANDES, 2008, p.90). Por fim, a “Orientação pelo Evangelho” deveria ser a máxima do movimento.

Após este conturbado período de acusações, perseguições e divergências internas, a unidade, a popularidade e a legitimidade religiosa do espiritismo veio através da categoria “caridade”, que por sua vez o aproximou do Estado pela via socioassistencial (GIUMBELLI, 2008). Neste ponto, Cavalcanti (1990) e Lewgoy (2004) evidenciam que no Brasil, o espiritismo foi influenciado fortemente pelo catolicismo popular, tornando-se “à brasileira”, distanciando-se, portanto, do espiritismo europeu marcado pelo racionalismo e pelo secularismo. Podemos afirmar, portanto, que a caridade é o ponto de fusão entre os

pressupostos básicos espíritas e surge como expoente de sua orientação em solo brasileiro, a religiosidade.

Interessa-nos em seguida, compreender como a doutrina espírita formula suas concepções acerca da assistencial social e, por conseguinte, da caridade. Neste sentido, analisaremos quais os valores que fundamentam a prática do voluntariado espírita.

A Parábola do Bom Samaritano

A caridade sob a ótica espírita encontra suas raízes na Parábola do Bom Samaritano⁷. Neste sentido, segundo a interpretação elaborada por Parolin (2013), o serviço assistencial espírita evidencia duas dimensões básicas e interdependentes: a afetiva e a política. A Parábola é apresentada por Kardec (2003, p.208-209):

Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimento e se foram, deixando-o semimorto. Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: ‘Trata muito bem deste homem e tudo o que despenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.

Primeiramente, a situação de “caído” não diz respeito apenas à pobreza, mas às diversas situações de fragilidade social. As “feridas” representam a somatória de diversos problemas que acometem os indivíduos, simbolizando a multiplicidade de questões que os envolvem. Estas “feridas” e a “queda” advêm da ação provocada pelos “salteadores”, que constituem as violências institucionais e interpessoais. Isto significa dizer que “o descuido institucional por precariedade e ausência de políticas públicas, acrescida de outras tantas exclusões, provocam a situação de *caído e feridas*” (PAROLIN, 2013, p.42).

O tratamento das “feridas” tem seu início a partir de ações imediatas e emergenciais ao nível interpessoal, por meio do uso de recursos próprios e disponíveis no momento, simbolizados pelo azeite e o vinho. Em seguida, “levar o caído para a hospedaria” é a

⁷ Além da Parábola, podemos compreender o conceito de caridade sob a luz espírita a partir dos fundamentos doutrinários para o serviço assistencial espírita. Estes fundamentos estão presentes nas Leis morais do “*Livro dos Espíritos*”, e são: Lei do progresso, Lei de igualdade, Lei de justiça, amor e caridade, Lei de sociedade e Lei do trabalho (PAROLIN, 2013).

representação do universo institucional que deve ser colocado à disposição do processo de recuperação e fortalecimento do “caído”. Isto nos remete a dimensão interdependente entre as redes de políticas públicas, em suas diversas áreas, como a saúde, educação, previdência social, etc., além de outros direitos de cidadania. A sentença “atende-o bem” é complementar a este entendimento, uma vez que simboliza a proposta de um atendimento integral ao indivíduo em situação de vulnerabilidade social, a fim de preveni-lo de ações futuras dos “salteadores”.

Um aspecto central para o conceito de “caridade”, diz respeito à análise dos personagens – o sacerdote, o levita e o samaritano – que simbolizam comportamentos distintos diante dos indivíduos em situação de vulnerabilidade social. O sacerdote apenas “vê” a situação e passa. Este “ver” representou apenas um ato superficial, pois seu ponto de vista sobre a situação se limitou às suas necessidades, desconsiderando as do outro. Esta mesma ausência de envolvimento marca o comportamento do levita que “observa, mas não se detém”. Embora “observar” seja diferente de “ver”, o levita segue seu caminho.

O samaritano é o personagem que simboliza a fraternidade maior e os valores fundamentais para a elevação do homem. O samaritano é utilizado como exemplo de que não era necessário ser judeu para encontrar o caminho da salvação. O samaritano é “tocado de compaixão” ao ver o homem, isto é, tomou para si a dor do “caído” ao identificá-lo como um “irmão”. Esta postura acolhedora ilustra a *dimensão afetiva*.

Quando chegam à hospedaria, o samaritano não transfere a demanda para o hospedeiro, pelo contrário, permanece ao lado do homem, envolvendo-se efetivamente, “cuidando” dele enquanto este se encontra em situação de vulnerabilidade física, emocional e social. No dia seguinte, o samaritano deve prosseguir sua viagem para Jericó, pois não poderia faltar com seus compromissos naquela cidade. Portanto, pede ao hospedeiro que cuide bem daquele homem e assume a responsabilidade de arcar com as despesas extras quando retornar. Este processo reflete a *dimensão política* do processo da assistência social. Parolin (2013, p.47) aprofunda esta concepção no seguinte excerto:

A hospedaria representa as instituições, o hospedeiro, os agentes institucionais. Não é possível assegurar o atendimento aos segmentos populacionais vulneráveis, sem determinado aparato institucional. Nas instituições é que são potencializados os recursos materiais e humanos. (...) o ser humano tem direitos que precisam ser respeitados e garantidos, em termos quantitativos e qualitativos.

Esta passagem nos revela a importância da institucionalização das ações de caridade, transformando-as, por isto, efetivamente em uma assistência direcionada às pessoas em situação de vulnerabilidade social. Portanto, a partir da análise da Parábola do Bom Samaritano, é possível compreender o principal lema da doutrina espírita: “Fora da caridade não há salvação”.

Esta máxima foi apresentada por Kardec em *“O Evangelho Segundo o Espiritismo”* de 1864. A “salvação”, segundo a ótica espírita, não é uma recompensa após a morte do corpo físico, mas um desenvolvimento das virtudes essenciais no processo de purificação do Espírito. Posto isto, Kardec (2013, p.211) afirma: “É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independente de qualquer crença particular”. Diante deste contexto, agora podemos analisar como a caridade e o trabalho voluntário se apresentam em um Centro Espírita.

5. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Conhecendo o campo

Meu primeiro contato com o Centro Espírita Irmã Cáritas aconteceu no dia dez de Abril de 2017, segunda-feira, às 10h da manhã. Nesta ocasião, fui atendido por Aline⁸. Após eu me apresentar e explicar o motivo da minha visita, ela me convidou para entrar. Quando nos sentamos, disse que meu interesse pelo voluntariado espírita surgiu a partir de uma experiência profissional no SESC. Quanto à natureza da pesquisa, disse que gostaria de observar e participar das atividades de assistência social desenvolvidas pelo Centro. Aline se entusiasmou bastante e, sorrindo, disse: “Hm, então quer botar a mão na massa, né?”.

O trabalho de assistência social desenvolvido por trabalhadores voluntários do Centro era, basicamente, a evangelização de crianças e jovens, que ocorriam aos sábados, das 16h às 17h30. No início de cada ano, novas vagas eram abertas para que as famílias pudessem matricular seus filhos. Na ocasião, os pais ou responsáveis deveriam assinar um termo de compromisso, autorizando os filhos a participarem das atividades do Centro. As famílias (geralmente representadas pelas mães, tias ou avós) também podiam se cadastrar na instituição, a fim de participar de atividades diversas, como rodas de conversa, palestras de

⁸ A fim de preservar a identidade dos interlocutores, os nomes verdadeiros dos trabalhadores voluntários foram substituídos por nomes fictícios.

orientação familiar e atividades de artesanato. Aline disse que o Centro havia feito o cadastro de quarenta famílias, contabilizando o atendimento de, aproximadamente, cento e vinte crianças.

A imersão no campo: entre gentilezas e pequenos favores

Minha imersão no campo se deu a partir de uma série de trocas de elementos simbólicos, envolvendo, sobretudo, gentilezas e pequenos favores. Durante a conversa com Aline, eu pigarreei e ela, imediatamente perguntou se eu gostaria de tomar um copo de água. Aceitei, então ela sugeriu que fôssemos até sua casa, que ficava nos fundos do terreno do Centro. “Moro aqui mesmo. Quando me perguntam onde moro, digo que é no Centro Espírita. Algumas pessoas me olham meio estranho. Perguntam se é coisa de macumba”, disse ela, rindo. A porta de sua casa estava aberta e dois jovens estavam deitados no sofá da sala, descontraídos, assistindo televisão. Aline entrou primeiro, e em seguida, pediu que eu entrasse e ficasse à vontade. Apresentou-me seus dois filhos. Depois, foi até a cozinha e disse, brincando, para eu não reparar na “bagunça”. Voltou e me serviu o copo de água. Bebi rapidamente, agradei e devolvi o copo. Nesse momento, ela pediu para eu aparecer no sábado seguinte, para que eu pudesse conhecer melhor as atividades realizadas. Aceitei o convite e trocamos os números de telefone. Aline brincou comigo, dizendo: “ai de ti se não aparecer!”.

A descrição deste primeiro contato cumpre uma importante etapa da pesquisa etnográfica, pois além de situar o campo de pesquisa, nos conduz para algumas considerações sobre a circulação de palavras e gestos no Centro. O copo de água que Aline me ofereceu não se tratava de um gesto automático e insignificante. Pelo contrário, por trás desse ato aparentemente simples, existiam uma série de significados.

A reflexão sobre este momento me remeteu às contribuições de Geertz (2008) quando defende a ideia de que o conhecimento antropológico só é possível mediante o entendimento da prática etnográfica. A etnografia, por sua vez, é um esforço intelectual que tem por finalidade uma “descrição densa” das estruturas significantes de uma cultura.

Partindo deste princípio, assim como piscar rapidamente o olho direito pode significar um tique nervoso e/ou uma “piscadela” (GEERTZ, 2008), a oferta de um copo de água também possui múltiplos significados. Neste caso, interpretei este gesto como uma demonstração de hospitalidade, atenção e, principalmente, como um convite para uma conversa mais informal. Além disso, ao me permitir entrar em sua casa, Aline depositou um

voto de confiança em mim, pois como aponta DaMatta (1986) a “casa” é o espaço da segurança, familiaridade e aceitação, enquanto a “rua” é marcada pelo perigo, indiferença e exclusão. Durante o período em campo, recebi tratamento semelhante por parte de todos os voluntários espíritas. Ofereciam-me, de acordo com a ocasião, lanches, caronas, lugar para sentar, livros, etc. A fim de fortalecer os vínculos, sempre buscava retribuir essas gentilezas com pequenos favores, como carregar uma mesa, trocar o garrafão de água no bebedouro, instalar o equipamento de data show para apresentação, etc.

Quem é o público atendido?

De acordo com Aline, o público atendido eram moradores de uma área conhecida por “Caesinha”, localizada no bairro Perpétuo Socorro. Segundo ela: “Tem violência, abuso, uso de drogas, prostituição. Tem tudo lá. Esse é o público que nós trabalhamos aqui”. Esta visão acerca do público atendido também foi relatada, em entrevista, por Joana, voluntária do Centro há três anos, que disse: “As nossas crianças vêm de uma área de risco social. Venda de drogas, traficantes, assassinatos... A polícia mata. Eles próprios chegam aqui chorando quando um amigo deles morre.”⁹.

Essas e outras descrições semelhantes colhidas a partir de conversas informais, me levaram a questionar em que medida este perfil era aceito, reproduzido e generalizado pelos voluntários. Durante a pesquisa, observei que não havia uma investigação profunda das condições socioeconômicas e dos dramas pessoais de cada família. A visão dos voluntários sobre as famílias era construída a partir de uma compilação dos relatos pessoais dos próprios atendidos, gerando uma percepção homogênea do grupo em questão.

No entanto, percebi que a indiscriminação da realidade específica de cada família cumpria um aspecto muito importante para o desenvolvimento das atividades de assistência social e da prática da caridade. Era, portanto, a partir da premissa de que todos estavam em uma situação crítica de vulnerabilidade social, que os voluntários espíritas realizavam seus serviços e doações sem dar mais para uns do que para outros. Em outras palavras, todos eram tratados da mesma forma. Embora esta igualdade se estabelecesse a partir da construção de um perfil estigmatizado do “outro”.

⁹ Entrevista realizada no Centro Espírita Irmã Cáritas, às 20h, em 10/07/2017.

O Trabalho Voluntário no Cáritas

A partir das treze vezes que fui ao Centro aos sábados, pude compreender que o trabalho de Evangelização de crianças e jovens tinha por objetivo a realização de atividades pedagógicas voltadas para a transmissão de valores cristãos sob a ótica espírita. Para os trabalhadores voluntários¹⁰, “passar os ensinamentos de Jesus” não se tratava de um trabalho de doutrinação religiosa, porque não pretendia “converter” ninguém para o espiritismo. “Aqui nós não falamos que as famílias têm que aceitar o espiritismo... Falamos de Deus, amor, respeito ao próximo, essas coisas... Isso tudo está presente em todas as religiões”, disse-me João.

Segundo meus interlocutores, o objetivo das atividades era formar crianças e jovens em “homens de bem”, para o exercício da cidadania. Por isto, o Trabalho de Evangelização era considerado um serviço de assistência social, pois além das atividades pedagógicas, havia também as brincadeiras de recreação e, principalmente, a distribuição de lanches. Observei que todo o material didático utilizado pelos professores era espírita, isto me fez concluir que não era possível separar tão drasticamente o trabalho religioso do assistencial. Estes dois aspectos da doutrina estavam interligados.

No entanto, observamos que as atividades de evangelização que ocorriam no pátio e nas salas de aula, embora conduzidas a partir do material didático espírita, eram exemplificadas e contextualizadas a partir da realidade social das crianças e jovens. De fato, os trabalhadores voluntários se dedicavam em conversar sobre as questões do cotidiano das crianças e jovens, além de orientá-las a partir dos valores humanitários e cívicos como respeito ao próximo, boa convivência, solidariedade, etc. Os aspectos religiosos da doutrina espírita eram colocados em segundo plano ou transmitidos de forma bastante sutil.

Embora o clima das relações entre voluntários e crianças fosse sempre de descontração, humor e afetividade, o desenvolvimento das atividades pedagógicas era marcado pela disciplina e organização escolar. Tal como em uma instituição de ensino formal, as crianças deviam pedir licença para ir ao banheiro, deviam levantar a mão para falar, se sentavam em carteiras justapostas, faziam filas-indiana, etc – apesar de que na prática elas ficavam bastante agitadas. Nos momentos de recreação, lazer e desporto, as crianças ficavam

¹⁰ Ou simplesmente “tios”, pois assim são chamados os trabalhadores voluntários do Cáritas. Tanto as crianças os chamam de “tios/tias” como eles próprios se referem assim uns aos outros, como “Tio João”, “Tia Aline”, “Tia Laura”, etc. “Tios”, “mães”, “crianças” são terminologias de parentesco que tornam as relações entre desconhecidos mais próximas e até mesmo familiares. Em algumas ocasiões também ouvi alguns voluntários se referirem ao grupo como “família” e ao Centro como “Casa”.

a vontade para conversar, correr, gritar, brincar, usar o celular, etc. As proibições e permissões de acordo com os tempos-espacos, as regras e a disciplina das atividades me remeteram as contribuições críticas de Foucault (1987) a respeito do poder das instituições disciplinares sobre os corpos.

No caso das crianças e jovens, observei que a organização das atividades obedecia a seguinte ordem: 1) às 16h, após a chegada das crianças e jovens, cada qual era direcionado para sua determinada sala; 2) Por volta das 17h, eram realizadas algumas atividades recreativas; 3) Às 17h10, os lanches eram distribuídos e as crianças e jovens, dispensadas. Enquanto com as mães: 1) às 16h, chegada e encaminhamento para o salão principal; 2) Rodas de conversas e/ou palestras e/ou cursos de artesanato. Após a distribuição do lanche, as mães eram liberadas para levarem seus filhos para casa. Às 17h30, os trabalhadores voluntários realizavam uma reunião de balanço das atividades daquele dia, conduzida na seguinte ordem: 1) prece de abertura; 2) balanço sobre as atividades daquele dia; 3) pautas gerais; 4) prece de encerramento.

A rotina de atividades aos sábados me levou a compreender o aspecto sistemático do serviço assistencial espírita. O cumprimento dos horários e funções por parte dos voluntários espíritas e a presença das famílias atendidas geravam uma relação de confiança entre os grupos. Neste sentido, os voluntários valorizavam bastante a pontualidade, o compromisso e a dedicação com as atividades do Centro. “Quando, por algum motivo, não tem atividade no sábado... As crianças passam aqui na frente e batem palma, querem saber o que aconteceu... Elas sempre vêm... Elas gostam de participar das atividades de sábado”, disse-me João durante uma conversa informal.

Diante desta descrição do funcionamento das atividades do Trabalho de Evangelização, podemos refletir sobre a seguinte questão: como se configuravam as relações de dádiva (dar, receber e retribuir) entre voluntários espíritas e as famílias? De acordo com minhas observações, podemos considerar as atividades pedagógicas como veículos de dádivas simbólicas. Durante os quatro meses em campo, observei que gestos e palavras eram as principais formas de expressão da caridade por parte dos voluntários e também a única expressão de retorno por parte das famílias.

Por parte dos voluntários, geralmente a doação de palavras e gestos eram interpretados como carinho, atenção, preocupação e cuidado. Enquanto por parte das crianças, jovens e mães, as palavras e gestos dirigidos com maior frequência para os voluntários, eram abraços e sorrisos, além de gestos de agradecimento, satisfação, felicidade e confiança. Esse processo

de trocas simbólicas descrito tornou-se evidente em uma entrevista realizada com Glória, 60, professora e voluntária do Centro há dois anos:

“A caridade ela vai além do lado financeiro. Ela vai no momento que tu vê uma criança ali quieta, sem ninguém dando importância e tu chega lá e dá um abraço... Pergunta como é que tá... Te colocar a disposição, de coração aberto para aquele ser humano que precisa de ti... Independente de cor, de raça, de credo, de situação financeira... Porque as vezes um abraço, um aperto de mão, um sorriso, uma palavra amiga... Você tá praticando a caridade... Qualquer ato de amor que tu pratica é caridade... Então se tu dá um alimento para uma criança junto com aquele alimento tu vai dar o teu carinho, o teu sorriso, o teu abraço... Tu vai dar o que tu tem de melhor, que não é o alimento, é o teu amor... É o que tá dentro de ti”. (entrevista realizada em 10/07/2017)

Deste excerto, podemos compreender que a caridade envolve um processo de ofertas de gestos e palavras profundamente entrelaçadas com estados emocionais e valores morais, como empatia e compaixão. Muitas vezes ouvi em campo que para praticar a caridade era preciso “se colocar no lugar do outro”. Neste sentido, os aspectos práticos e simbólicos dos recursos materiais doados pelos voluntários espíritas para as famílias atendidas, como os lanches, serão abordados com mais atenção na próxima sessão.

A Cozinha, a qualidade e a “energização” dos lanches.

A cozinha era o palco de múltiplas relações e significados. Espaço para a organização e preparação dos lanches, reuniões improvisadas, conversas informais ou simplesmente para descanso. A cozinha era o “coração” do Centro aos sábados. Alí era o lugar da livre circulação e do encontro, mas também do silêncio e das observações. Neste sentido, procurei participar o máximo das atividades de organização, preparação e distribuição dos lanches, pois estava consciente que ali era um lugar privilegiado para observar as relações de informalidade entre os voluntários.

Geralmente, os voluntários ficavam conversando sobre assuntos diversos do cotidiano enquanto preparavam o lanche. Quando estava presente, buscava mais ouvir do que falar. O clima na maioria das vezes era de concordância, brincadeira e descontração, mas em alguns momentos, de divergência de opiniões. O grupo de voluntários, apesar do *ethos* religioso que os mantinha unidos, era fundamentalmente heterogêneo. Em público, essas relações de tensão geralmente não se revelavam, mas na restrição da cozinha e em outros espaços, algumas falas e comportamentos tornavam as diferenças evidentes.

A cada sábado, uma dupla ou trio de voluntários ficava responsável pela doação dos lanches. No mural do salão principal, havia uma tabela fixada discriminando o nome das duplas e suas respectivas datas de doação, mas na prática ninguém comentava sobre quem doava o quê. Enfim, os lanches deveriam ser deixados na cozinha às 15h30, para que pudessem ser organizados, preparados e distribuídos para as famílias. Laura, responsável pela cozinha, chegava somente depois. Os lanches doados com a maior frequência eram: pão doce, pão bola com queijo e presunto, hotdog, mingau de milho, biscoitinhos de pacote e refrigerante de sabor guaraná e laranja.

Ao longo do período em campo, normalmente eu auxiliava Laura na organização e preparação dos lanches. Entre as conversas informais, Laura tecia alguns comentários sobre os lanches que eram doados pelos tios. Pude, então, classificá-los em duas categorias: os lanches “simples” e os lanches “elaborados”.

Os lanches “simples” eram os biscoitos e os refrigerantes. Estes eram pouco valorizados por que não levavam a “energia” do doador, além de serem “industrializados e cheios de conservantes”. “Isso é um veneno para a criança!”, disse-me Laura. O juízo de valor exposto por Laura sobre os lanches também recaía sobre os doadores, embora ela não soubesse qual dupla havia feito as doações do dia. Nos comentários de Laura, havia uma relação entre a qualidade do lanche e a postura dos doadores, quase sempre identificada como uma falta de empatia com as crianças. Em outras palavras, esta postura denunciada tratava-se simplesmente de “comprar e dar”.

Os lanches “elaborados” eram os pães, hotdog e mingau de milho, pois além do valor nutricional, carregavam a “energia” do doador através do trabalho de preparação. Durante a festa junina, por exemplo, com exceção do refrigerante, todos os alimentos servidos eram “elaborados”, como o vatapá, o mingau de milho, o arroz branco, o bolo de chocolate, etc. Nesta categoria de lanches e alimentos se considerava também a satisfação fisiológica e emocional das famílias após a refeição.

O caso da qualidade dos lanches, no entanto, não ficou apenas nos comentários de bastidores. Sem citar nomes ou apontar dedos, em várias reuniões os voluntários discutiram a importância da doação de alimentos “elaborados”, mas frequentemente se ouvia: “Tudo bem... Mas quem vai preparar? Eu tenho trabalho, filho, etc.”. Diante de uma dessas falas, uma voluntária que estava sentada próxima de mim, disse para a outra ao pé do ouvido: “Ei... Vamos nos candidatar, vamos? A gente chega cedo aqui e faz esse mingau!”, e como resposta ouviu: “Ah... Tenho que ficar em casa para cuidar das crianças...”.

Percebemos que a doação de lanches era uma das ações mais importantes da assistência social realizada pelos trabalhadores voluntários do Cáritas. Isto porque, em tese, o lanche deveria cumprir um duplo aspecto: primeiro, enquanto alimento supriria as necessidades fisiológicas do corpo físico do indivíduo; e segundo, serviria também de veículo para a transferência de uma “energia” que, segundo os espíritas, beneficiava o corpo espiritual. No entanto, as disposições e prioridades de alguns voluntários nem sempre permitiam que estes se dispusessem para a preparação de um lanche “elaborado”, muitas vezes se limitando a praticidade da oferta de um lanche “simples”. Observei também que independente da categoria do lanche, fosse este “elaborado” ou “simples”, Laura se concentrava em depositar “bons pensamentos e bons fluídos” antes de servi-los. Este processo também era considerado como uma “energização” dos alimentos.

Outro aspecto importante a respeito das atividades da cozinha, era a racionalização da distribuição dos lanches. Na maioria dos encontros, também ficava encarregado de realizar a contagem do número de crianças, jovens, mães e tios presentes. A precisão da contagem era muito importante, porque o lanche era distribuído exatamente de acordo com o número de pessoas presentes. Buscava-se evitar o máximo de desperdício.

Algumas vezes, não havia lanche completo (um pão inteiro e um copo de refrigerante) para todos os presentes, então a equipe da cozinha buscava racionar o lanche para que todos pudessem se alimentar. Nesses casos, os tios geralmente não lanchavam, porque a prioridade era para as famílias atendidas. Às vezes, acontecia o contrário. Todos já haviam lanchado, mas havia sobrado lanche. Neste caso, o excedente era guardado. Isto acontecia porque se alguma criança quisesse repetir, as outras também, provavelmente, iriam querer. Então, neste caso, a caridade era negada em virtude de outro princípio, o da justiça.

Para finalizar esta análise acerca da qualidade e da racionalização da distribuição dos lanches, cito um caso que entrelaçou esses dois aspectos. Em um sábado, João preparou uma grande quantidade de mingau de milho para o lanche daquele dia. A partir das 17h, eu, Laura, Aline e outros voluntários separamos os copos de acordo com o número de presentes. No entanto, depois que o mingau foi servido, ainda sobrou bastante na panela. Então, Laura pediu para que os tios fizessem filas para que as crianças pudessem repetir o lanche quantas vezes quisessem. Nesse dia, os tios lancharam e também repetiram várias vezes. Laura e Aline estavam muito felizes na ocasião, satisfeitas com o fato de que todos se alimentaram bastante. O mingau de milho de João foi bastante elogiado, não apenas pelo sabor, mas pela dedicação que foi “transmitida” através do alimento. Por consequência, este evento me rementeu à

Mauss (2004) quando este faz referência ao *hau* e, afirma que dar algo para alguém é dar algo de si.

“Fui mandado, viu?”: A chegada de João ao Centro Espírita Irmã Cáritas

Por fim, quando questionei alguns voluntários sobre a história do Centro, disseram-me para procurar João, pois ele era um dos integrantes mais antigos do grupo. O Centro Espírita Irmã Cáritas foi fundado no dia 1 de novembro de 1961. No entanto, como recorte histórico, interessa-nos apenas pontuar o momento em que João assumiu a presidência do Cáritas, por considerar que este foi um importante evento para a configuração das atividades que são desenvolvidas atualmente pela instituição. Por isto, optei por registrar a história de vida de João. A abordagem biográfica coloca o interlocutor como fio condutor de um processo histórico mais amplo. A importância deste procedimento metodológico é descrito por Houle (2014, p.320):

(...) o relato ou a história de vida não se refere apenas ao vivido de um sujeito, ele é também, e simultaneamente, o relato ou a história *da* vida em sociedade (...). As histórias de vida nos contam, na realidade, a história *da* vida em sociedade, e também nos levam a redescobrir que o objeto último da sociologia é a vida.

João nasceu em 1965 em Belém, Estado do Pará. De berço espírita, cresceu participando das atividades do Centro frequentado por sua família. Na juventude, atuou no grupo de jovens e se dedicou aos estudos da doutrina. Por volta dos vinte e três anos, João e mais três amigos fundaram o Centro Espírita Irmão do Caminho e um albergue chamado Francisco de Assis. No albergue, João morou e trabalhou como voluntário durante dez anos.

“O nosso objetivo era primeiramente fazer aquele acolhimento... Ele estava na rua, embregado... Então primeiro era dar o alimento, o banho. No outro dia, conversava com ele e dizia que o período de estadia no albergue era de três meses para não sair, para não voltar para o álcool, né? Aí víamos se ele tava doente, se tinha que ir ao médico. Depois, nós fazíamos uma pesquisa pra saber da família dele... Se ele tinha, onde morava, se lembrava... E íamos atrás, fazíamos aquela ponte. Muitos se recuperavam e voltavam para sua família...” (entrevista realizada em 07/08/2017).

Aos poucos, com a chegada de mais voluntários espíritas, o albergue passou a atender em média dez moradores de rua. Neste período, abriram também uma marcenaria, onde

aqueles abrigados que quisessem, podiam trabalhar. Além de uma firma de peixes ornamentais que servia, sobretudo, como um trabalho terapêutico para todos. Depois, João teve que se mudar de Belém por uma oportunidade de emprego. Por volta dos anos 2000, foi aprovado em um concurso do Correios, mas pela falta de vaga em Belém, foi enviado para Macapá. Foi neste período de sua vida que João conheceu o Centro Espírita Irmã Cáritas:

João: Logo no primeiro mês que eu cheguei aqui... No início frequentava a Federação Espírita, depois passei aqui na frente do Irmã Cáritas... Tava meio abandonado, tudo escuro... Dava até medo... Não tinha nada, só mato. Aí eu fui... Quando eu cheguei aqui, foi num momento que o presidente do Cáritas estava indo embora... Tava indo viajar... E tava querendo alguém pra ficar responsável... Fui mandado, viu? Porque tô até hoje aqui. Aí ele queria que eu fosse eleito presidente... Tinha a sobrinha dele, mas ele não confiava muito nela... Ela não era aquela espírita... Tanto é que ela foi embora, trabalhou aqui, mas foi embora, hoje ela é evangélica. Mas ela participa com a gente aqui, ela é quem faz feijoada... Mas quando eu cheguei aqui, tava pra fechar. Não tinha as salas, não tinha a cozinha...

Tom: Então não tinha o trabalho de evangelização?

João: Não... Tinha, tinha! Mas era a evangelização só com a família! Aí vinham os filhos que eram poucos... Só umas quatro, cinco crianças! E eu fiquei assim... Porque eu vim lá do Centro de Belém e nós tínhamos quase duzentas crianças lá... Aí eu cheguei aqui... E tinha só quatro crianças... Aí diante disso que eu assumi... (entrevista realizada em 07/08/2017).

A partir de então, João buscou iniciar o trabalho de evangelização das famílias, e para isso, buscou saber onde havia o maior índice de famílias em situação de vulnerabilidade social próximas do Centro. Alguns colegas diziam que o local mais próximo era a “baixada”¹¹ do Perpétuo Socorro, mas que tinham medo de ir até lá. João buscou convencer os outros integrantes e, aos poucos, “desceram” até as áreas de pontes do Perpétuo Socorro e até a Caesinha e passaram a buscar as famílias para participar das atividades do Centro.

Neste sentido, a chegada de João ao Centro Espírita Irmã Cáritas marcou um novo período do trabalho de assistência social desenvolvido pela instituição. Atualmente, além de ocupar o cargo de presidente, João também atua em todas as outras atividades do Centro, como nas palestras abertas ao público, no atendimento fraterno, nas reuniões mediúnicas, nos passes e no trabalho de evangelização de crianças. Resgatar este período da história de vida de João teve por finalidade revelar que a consolidação do trabalho de assistência social do Centro e o vínculo que até hoje se mantém com as famílias do Perpétuo Socorro se deu,

¹¹ Termo popular que se refere aos locais em áreas de pontes, geralmente considerados perigosos.

historicamente, a partir de um trabalho coletivo e persistente dos integrantes que compunham e compõem o grupo.

É importante destacar que até hoje o funcionamento da instituição é mantido por doações financeiras e de objetos diversos, como: fogão, ar condicionado, etc. Além da doação de roupas e acessórios que são colocados à venda em bazares, outra forma de levantar fundos para a instituição é a venda de feijoada¹².

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi compreender como se estabelecem as relações entre voluntários espíritas e as famílias que recebem seus serviços. A partir da experiência etnográfica, compreendemos que as atividades de assistência social realizadas pelos trabalhadores voluntários são conduzidas por uma forte convicção moral e religiosa, acompanhadas de uma responsabilidade social.

Apesar de todos os voluntários serem praticantes da doutrina espírita, observamos que o grupo é bastante heterogêneo, revelando múltiplos sentimentos, comportamentos e opiniões a respeito do trabalho realizado com as famílias em situação de vulnerabilidade social do bairro Perpétuo Socorro. No entanto, podemos apontar que a caridade realizada não é uma ação circunscrita apenas numa transferência de bens materiais entre indivíduos. É, sobretudo, uma relação que permite a construção de um vínculo entre os grupos, e que se fortalece a partir de trocas de recursos materiais e elementos simbólicos. Isto é o que vem acontecendo há mais de quinze anos.

Quanto ao aspecto simbólico, observei que gestos e palavras são as principais formas de expressão da caridade por parte dos voluntários e também o retorno por parte das famílias. Palavras de afeto e carinho, acompanhadas de abraços, sorrisos e olhares são dados, recebidos e retribuídos. Esses “pequenos gestos” possuem uma série de significados extremamente valorizados e amplamente reconhecidos entre os grupos, como atenção, agradecimento, satisfação, reconhecimento, felicidade e solidariedade. A circulação dessas “amabilidades” fortalece os laços entre os próprios voluntários e entre os voluntários e as famílias atendidas.

¹² A feijoada também poderia ser classificada como um alimento “elaborado”. No domingo (07/05/2017), o Centro realizou a venda de potes de 1kg de feijoada. Eu comprei e depois de alguns dias, encontrei Maria, a voluntária que havia preparado. Eu disse que a feijoada havia ficado muito boa. Ela respondeu: “Que bom que você gostou! A feijoada do Cáritas é feita com muito amor!”.

No entanto, em relação aos recursos materiais, observamos que estes também possuem seus aspectos simbólicos, mas os lanches, as cestas básicas, os cursos de artesanato e outras formas de doação, são as principais formas de expressão da caridade por parte dos voluntários para o atendimento das necessidades materiais e físicas das famílias, que por sua vez, recebem e retribuem com elementos simbólicos, isto é, gestos e palavras.

Portanto, concluímos que as dádivas circulantes na relação entre trabalhadores voluntários espíritas e famílias em situação de vulnerabilidade social não são equivalentes, mas isto não significa que sejam excludentes ou assimétricas. As dádivas (materiais e simbólicas) trocadas são proporcionalmente importantes, pois cumprem um grande impacto na vida material e no universo de significados e representações de ambos os grupos. Neste contexto, o vínculo é mais valioso que o bem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Rubenilda. **A dádiva e a vivência religiosa: implicações da religiosidade no desenvolvimento de práticas sociais solidárias na comunidade.** Tese (Doutorado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, 2007.
- CAILLÉ, A. Dádiva e Associação. **In: A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social.** José Henrique Martins (org.). Tradução de Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CAVALCANTI, M. O Espiritismo. **In: Sinais dos Tempos: diversidade religiosa no Brasil.** (org.) Leilah Landim. ISER, Rio de Janeiro, 1990
- DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** – Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- ELLIS, S; CAMPBELL, K. Volunteering: an American Tradition. **U.S. Department of Estate/** January, 2012. Volume 16, number 5.
- FERNANDES, P. **As origens do espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914).** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão;** tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** – 1.ed., 13. Reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

GIUMBELLI, E. Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no espiritismo. **In: Ações em sociedade: militância, caridade e assistência etc.** Leilah Landim (org.). – Rio de Janeiro: NAU, 1998. 288 p.

_____. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28(2): 80-101, 2008

GODBOUT, J.T. Introdução à Dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 13, n. 38. São Paulo, outubro, 1998.

HAUGESTAD, A. Working Together for Sustainable Societies: The Norwegian “Dugnad” Tradition in a Global Perspective. Paper prepared for presentation. In: **XI World Congress of Rural Sociology – Globalization, Risks and Resistance**, Trondheim, Norway, July 25 - 30, 2004

HOULE, Gilles. A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. **In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nassar. 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. – (Coleção Sociologia).

IVAMOTO, H. A Santa Casa da Misericórdia de Santos: sinopse histórica. In: **Acta Medica Misericordiae**. Volume 1, Número 1, Santos, 1998

LEWGOY, B. Chico Xavier e a cultura brasileira. **In: Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2001, V. 44 nº 1.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. **In: Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naif, 2003.

PEREIRA, P. **O terror e a dádiva**. Goiânia: Editora Vieira; Cãnone Editorial, 2004.

WILSON, J; JANOSKI, T. The contribution of religion to Volunteer Work. 1995, **Special topics**, General. Paper 47.

Obras Espíritas

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. [tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. – 131. ed. 1. imp. (Edição Histórica) – Brasília: FEB, 2013.

PAROLIN, Sonia. **Conviver para amar e servir**: fundamentação Espírita sobre a metodologia do espaço de convivência, criatividade e educação pelo trabalho no serviço assistencial espírita. (org.) Sonia Regina Hierro Parolin, Helder Boska de Moraes Sarmento e Reinaldo Nobre Pontes – 1. Ed. 1. Imp. – Brasília: FEB, 2013. 166 p.

Relatórios

FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL/INSTITUTO DATAFOLHA. **OPINIÃO DO BRASILEIRO SOBRE VOLUNTARIADO**, 2014.

RELATÓRIO DO ESTADO DO VOLUNTARIADO NO MUNDO, ONU, 2011.

STATE OF THE WORLD'S VOLUNTEERISM REPORT, ONU, 2015.

ANEXOS



Foto 1: Voluntária distribuindo pirulitos para crianças e jovens no fim da Festa Junina (28/06/2017). Fonte: Tom Reis, 2017.



Foto 1: Voluntária servindo um copo de refrigerante para mãe e filha na Festa Junina (28/06/2017). Fonte: Tom Reis, 2017

Entrevistas individuais

Nome:	
Data de nascimento:	Sexo: M () F ()
Escolaridade:	Profissão/Ocupação:
Estado civil:	Naturalidade/Nacionalidade:
Endereço:	Religião: Quanto tempo?

O presente roteiro de perguntas foi elaborado a partir de Barbosa (2007).

ROTEIRO DE PERGUNTAS

Data: ___/___/___

Início: _____

Término: _____

1. Gostaria que me falasse um pouco sobre as atividades que você realiza aqui no Centro e há quanto tempo...
2. Poderia me contar como surgiu essa ideia? Quais circunstâncias levaram você a realizar esses trabalhos?
3. Consegue lembrar como foram suas primeiras experiências? (sentimentos, alegrias, tristezas, etc.).
4. Pode me contar uma situação específica que tenha te marcado?
5. Qual foi sua experiência mais marcante?
6. Poderia me falar um pouco mais sobre como você se sente ao realizar esses trabalhos com a comunidade?
7. O que significa para você a frase “fora da caridade não há salvação?”.
8. O que significa para você solidariedade? Se como voluntário/a, você não recebe nenhuma remuneração em troca, existe algo que você considera como um retorno?
9. Gostaria de falar mais alguma coisa?